



issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



A ÉTICA DE LEONARDO BOFF: *SABER CUIDAR*

Verônica Ribeiro Possamai

Rodrigo Siqueira-Batista

RESUMO: O planeta está passando por uma grande crise desencadeada pela relação do homem com a natureza. Esta crise compromete a qualidade de vida dos seres humanos e não humanos desta geração e das próximas. É necessário modificar a relação da humanidade com o que a cerca, permitindo uma interação com o ambiente pautada em um olhar de cuidado e afeto, não somente de intervenção e uso para benefício próprio. Foi realizada a apresentação da Ética do Cuidado de Leonardo Boff como referencial teórico para essa mudança de relação com a natureza. O objetivo deste estudo foi descrever os conceitos de Martin Heidegger; apresentar a ética de Boff baseada na leitura de suas obras; demonstrar a aplicabilidade da Ética do Cuidado e; mostrar as convergências com o princípio da compaixão da (bio)ética de todos os seres.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética; Cuidado; Compaixão; Dasein.

ABSTRACT: The planet is going through a major crisis triggered by the relationship between man and nature. This crisis compromises the quality of life for human and non-human beings of this generation and the next. It is necessary to modify the relationship of humanity with its surroundings, allowing an interaction with the environment based on a look of care and affection, not only of intervention and use for its own benefit. Leonardo Boff's Ethics of Care was presented as a theoretical framework for this change in the relationship with nature. The aim of this study was to describe Martin Heidegger's concepts; present Boff's ethics based on reading his works; demonstrate the applicability of the Ethics of Care and; to show the convergences with the principle of compassion of (bio) ethics of all beings.

KEYWORD: Bioethics; Care; Compassion; Dasein.

INTRODUÇÃO

O processo civilizatório – aspecto intrínseco à própria *biografia* da espécie *Homo sapiens* – tem imposto desafios de distintas ordens às sociedades contemporâneas, os quais podem ser perscrutados – quiçá arbitrariamente separados – em termos (1) coletivos/globais e (2) individuais. No que tange ao primeiro âmbito – coletivo/global – devem ser destacadas a *crise social mundial*, as *mudanças climáticas* e a *insustentabilidade* do sistema-Terra (BOFF, 2010). A crise social mundial é fruto de um sistema social que permite a acumulação de riquezas, por poucos poucos indivíduos, em razão do empobrecimento da esmagadora maioria das pessoas (BOFF, 2009). As *mudanças climáticas* – muitas vezes invisíveis – têm grassado em todo o planeta, como consequência da agressiva intervenção humana (BOFF, 2009, 2014). A *insustentabilidade do sistema-Terra* sobrevém a partir do consumo irrestrito dos recursos fornecidos pela natureza, com a tácita desconsideração de que o Planeta pode ser considerado como um organismo (LOVELOCK, 1991), cuja harmonia para fornecer os elementos necessários para a vida tem sido diuturnamente ferida pela exploração excessiva, causando desequilíbrio e impedindo sua autorregulação e ameaçando a vida. De uma perspectiva individual, ressaltam-se os impasses apresentados pelas biotecnociências (SCHRAMM, 2019), com especial ênfase para os conflitos impostos pela medicalização da vida, mormente nos seus extremos – o nascer e o morrer – mas, também, para as perspectivas de capturas biopolíticas – articuladas ao exercício do biopoder – nos mais distintos âmbitos de produção da existência (OLIVEIRA; SIQUEIRA-BATISTA, 2018; REGO; PALÁCIOS; SIQUEIRA-BATISTA, 2020; SCHRAMM, 2019).

Diante de todos esses problemas, é urgente que haja uma mudança de paradigma civilizacional (BOFF, 2010, 2013, 2014), especialmente ao se considerar que as questões ora pautadas são genuinamente éticas e que precisam ser enfrentadas com as melhores ferramentas teóricas disponíveis. Desde esta perspectiva, a escolha por mudar as lógicas do processo civilizatório – e, por conseguinte, as relações com o Planeta e com as pessoas – implica em uma mudança orientada pelo princípio do cuidado. Trata-se de uma atitude inerente ao ser humano, a qual faz parte da sua essência, pois ao mesmo tempo que todos sabem cuidar, também possuem o desejo de ser cuidados (BOFF, 2014). De fato, o cuidado, para Boff (2014), “abrange mais que um *momento* de

atenção, de zelo e de desvelo [diz respeito a] uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 2014, p. 35). A partir deste princípio, Leonardo Boff – baseado em conceitos *forjados* por Martin Heidegger – constrói a Ética do Cuidado como uma proposta de novo paradigma civilizacional, com objetivo de refletir sobre o *Dasein* (ser-no-mundo) e suas formas de se relacionar com o planeta.

Desta feita, o presente ensaio visa (1) introduzir a problemática do cuidado em Heidegger, (2) explorar a influência desse conceito nas obras de éticas de Leonardo Boff, (3) apresentar a aplicabilidade da Ética do Cuidado para a reflexão-ação sobre questões atuais e (4) estabelecer “conversações” com aquele que provavelmente é o principal referencial (bio)éticos convergentes: a *compaixão*.

O CUIDADO EM MARTIN HEIDEGGER

Antes de apresentar a Ética do Cuidado de Leonardo Boff, é importante apresentar os conceitos de Martin Heidegger, filósofo alemão reconhecido – especialmente – por suas críticas à metafísica, a qual deve ser reconhecida por suas características fenomenológicas (COSTA, 1889). Sua obra, *Ser e Tempo*, publicado em 1927, foi a maior obra do filósofo e uma das maiores do século. Heidegger dedicou parte dos seus estudos a compreensão do Ser, afirmando essa questão pelo método (CASTRO; CASTRO, 2020; OLIVEIRA; CARRARO, 2011). Heidegger usa como objeto de estudo o Ser em suas obras e define o termo *Dasein* (em português, ser-aí ou ser-aí-no-mundo), que diz respeito ao homem em relação com o mundo.

“Para reunir, ao mesmo tempo, numa palavra, tanto a relação do ser com a essência do homem, como também a referência fundamental do homem à abertura ('da') do ser enquanto tal, foi escolhido para o âmbito essencial, em que se situa o homem enquanto homem, o nome 'Dasein'. Isto foi feito, apesar de a metafísica usar este nome para aquilo que em geral é designado existência, atualidade, realidade e objetividade, não obstante até se falar, na linguagem comum, em 'Dasein humano', repetindo o significado metafísico da palavra. Por isso obvia toda possibilidade de se pensar o que nós entendemos quem se contenta apenas em averiguar que em *Ser e Tempo* usa-se, em vez de 'consciência', a palavra 'Dasein'.” (HEIDEGGER, 1978, p. 58)

Com efeito, o ser só é algo se ele se relacionar com o mundo. O Quadro 1 apresenta alguns termos utilizados pelo autor.

Quadro 1. Terminologia usada por Heidegger.

Termo	Significado
Cuidado (<i>Sorge</i>)	Pode ser entendido como ato, o qual ocupa um sentido ôntico, ou como possibilidades, um sentido que vai além do ato, além do que se pode perceber, ocupando um sentido ontológico. Para Heidegger o cuidado contempla o modo positivo de cuidar dos entes, não é sinônimo de bondade, é entender autenticamente o que é importante.
Cura	Refere-se a uma das características ontológicas do ser-aí e diz respeito à condição do ser-aí cuidar, zelar, por suas possibilidades de poder-ser. Do ponto de vista ôntico, todos os comportamentos e atitudes do homem são dotados de cura e guiados por uma “dedicação”.
<i>Dasein</i>	É ser-aí, é pre-sença, é a maneira de dizer que o ser só é alguma coisa a partir dos modos como ele se manifesta. Para Heidegger esse conceito representa a ênfase à idéia de que o ser não é sem suas formas de manifestação.
Existência	É a dimensão do existente enquanto se reconhece jogado na temporalidade e necessariamente tendo que agir para fora de si mesmo. Esse caráter de lançar-se para fora é que dá ao humano a condição de existente.
Ontológico	Diz respeito aquilo que antecede originariamente toda manifestação ôntica e lhe garante um sentido. Diz respeito às diferentes possibilidades de ação do ser- aí junto às coisas e aos outros, não no sentido daquilo que é manifesto, mas daquilo que possibilita toda manifestação.
Pre-sença	É o homem e sua relação com o mundo, ela é determinada na cotidianidade pelo seu modo de ser, é ela que enuncia o que o mundo é. Em <i>Ser e Tempo</i> , a pre-sença ocupa um significado de estar lançado, jogado no tempo, se relacionar com o mundo segundo um modo de ser.
Ser-no-mundo	É a condição do existente enquanto consciente de sua presença no tempo e no mundo. Significa que o homem nunca é uma subjetividade em si mesmo, senão na inter-relação com os outros e com as coisas.
Estar-no-mundo	Significa o ente lançado na temporalidade, submetido a todas as nuances e todas as limitações desta condição.

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA; CARRARO, 2011

Inicialmente, é importante definir o termo *Dasein*, que Heidegger relacionou a palavra francesa *présence* (presença). Porém, no significado cotidiano significa “estar aí”, aludindo ao significado de “estar presente” (FERNANDES, 2011; HEIDEGGER, 1988). Deste modo, para o filósofo, “*Sorge* (cura, cuidado) é o nome para a constituição extático-temporal do traço fundamental da presença (*Dasein*), a saber, da compreensão do ser” (FERNANDES, 2011, p.162). Desde esta perspectiva, o cuidado possui três momentos: a existencialidade, facticidade e de-cadência (HEIDEGGER, 1988). A *existencialidade* remete a existência, que significa a essência da presença (*Dasein*) (FERNANDES, 2011):

“Se a existência é a essência (o que deixa e faz viger) da presença; a cura ou cuidado (*Sorge*) é a essência da existência; e a temporalidade é o sentido de ser da cura (*Sorge*); então a existência é (vige como) temporalidade” (FERNANDES, 2011, p.162).

A *facticidade* é anterior à existência, são fatos os quais qualquer ser deverá confrontar a partir do momento que está no mundo (FERNANDES, 2011). A *de-cadência* é a inessência da existência e é após a facticidade da existência. Pela de-cadência, o homem se relaciona com o mundo e o mundo com ele, tornando-se impessoal, anulando-se.

“Por ela, o homem diz ‘eu sou’, mas em verdade não é, isto é, não vigora na propriedade do ser-si-mesmo. Por ela, cada um é, antes de tudo, ‘os outros’: o ‘a gente’ que, na verdade, é ‘todo o mundo’, que, em última instância, é ‘ninguém’.” (FERNANDES, 2011, p. 163).

A possibilidade do ‘cuidado com a vida’, a ‘dedicação’, é compreendida – por Heidegger – como cura (cuidado) no sentido ontológico (OLIVEIRA; CARRARO, 2011), Em *Ser e Tempo* (parte I), o filósofo divide o termo cuidado (*Sorge*) em ocupação (*Besorgen*) e preocupação (*Fürsorge*) (COSTA, 1889; HEIDEGGER, 1988). Como exposto anteriormente, o pensador se remete ao termo como “cura”, por acreditar na potencialidade da angústia em relação a presença do *Dasein*. Costa (1989), diz que o autor

“ (...) acredita que a angústia configura-se como possibilidade de ser da presença e, aliada à própria presença, oferece a apreensão da

totalidade da presença do *Dasein*. Sendo assim, esse ser manifesta-se como cura, ou cuidado, levando sempre em conta a elaboração ontológica desse fenômeno existencial fundamental e sua delimitação perante os fenômenos” (COSTA, 1889).

Para Heidegger, cuidado é sempre *ocupação e preocupação*, pois o *besorgen* se elabora no ser-em e o *fürsorge* no ser-junto-a (COSTA, 1889). O cuidado enquanto ocupação (*besorgen*) é estar no mundo como utilidade, como poder público. Desta forma, o *besorgen* é definido como utilidade dos entes que vem para o encontro do ser-aí (*dasein*). Desta feita, segundo Almeida (2008):

“Os entes têm a possibilidade de estar disponíveis, estando aí para o ser-aí ocupar-se com eles. Esta característica define este tipo de ente como utensílio, pois ele circunda o mundo do ser-aí, sendo que o ser-aí como ser-no-mundo, já está em determinada ocupação, lidando com os utensílios que estão aí” (ALMEIDA, 2008).

O *fürsorge*, cuidado enquanto preocupação, consiste na relação de *Dasein* para *Dasein* em uma relação de intersubjetividade. Por isso o ser-com-o-outro é baseado na filosofia aristotélica na obra Política. Portanto, a relação eu-tu e a relação eu-nós se faz tão fundamental, não permitindo espaço para o eu-eu (ALMEIDA, 2008).

O ser-com é, pois, sempre aberto para o outro, é sempre relacional. Heidegger apresenta os argumentos da negligência e solicitude, e essa relação é orientada pelo cuidado. Estes argumentos são dois extremos, pois a negligência é composta pela desconfiança e desejo de se sobrepor ao outro, enquanto a solicitude pode ser própria quando direciona a se assumir com poder-sobre-si-mesmo e imprópria quando remove do outro o poder-ser (ALMEIDA, 2008). Heidegger afirma que o cuidado é inerente ao *Dasein*, não é uma estrutura aprendida (CARRILHO, 2010). “A condição existencial de possibilidade de ‘cuidado com a vida’ e ‘dedicação’ deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico” (HEIDEGGER, 1988, p.265). Desta forma, é possível compreender que o cuidado se dá ao assumir as possibilidades do Ser. Ademais, é relacionado à liberdade pois é ela que proporciona o poder-ser para o *Dasein* e o cuidado se fazer “amoroso”. Em suma, deixar-ser é libertar a essência do Ser. O cuidado é o zelo pela própria essência do Ser (ALMEIDA, 2008):

“O cuidado é definido por Heidegger como a estrutura mais originária do ser humano, na sua situação existencial de estar-no-mundo e estar-com. Assim sendo, é uma característica que o define enquanto tal. Estamos no domínio do estudo do Ser que se deixa aparecer no ser humano, nesta sua situação de existente no mundo, realidade histórico-temporal” (CARRILHO, 2010, p. 112).

Portanto, o cuidado – que Heidegger se refere como cura (*sorge*) – é inerente ao Dasein, ser-no-mundo, bem como orienta sua relação com o mundo e as possibilidades do Ser. Na próxima seção será iniciada a apresentação da Ética do Cuidado, proposta por Leonardo Boff, que utilizou alguns conceitos de Heidegger descritos.

ÉTICA DO CUIDADO: LEITURAS DE BOFF

A palavra ‘cuidado’, segundo os dicionários de filologia, deriva do latim, albergando o significado de *cura*, como tematizado por Martin Heidegger (seção supra), mas, também, de desvelo, de preocupação e de inquietação por algo amado (BOFF, 2013, 2014). O oposto de descaso é o cuidado, o qual, segundo Leonardo Boff, é mais que um ato, é uma atitude. Significa uma ocupação, preocupação e uma responsabilização decorrente de um envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 2014).

O cuidado, juntamente com a sustentabilidade, compõe os dois valores principais para sustentar o início de um novo ensaio civilizatório (BOFF, 2013). A sustentabilidade significa uma utilização prudente dos recursos do planeta, sem seu detrimento, permitindo sua reprodução e se preocupando com as condições de vida das futuras gerações. O cuidado corresponde a uma relação de amor e de respeito para com o outro – no caso, o Planeta Terra –, cuja tessitura permite a compreensão do pertencimento a um todo, uma comunidade biótica e cósmica, a qual *necessariamente* deve ser respeitada. A sustentabilidade representa o lado objetivo – que consiste na gestão dos recursos, na distribuição dos bens naturais –, enquanto o cuidado representa o lado subjetivo, consistindo nos valores que acompanham este percurso. Estes dois princípios devem ser valorizados de igual forma para haver uma nova relação ser-humano-vida-Terra, de modo a se impedir que a atual crise ambiental se torne um desastre (BOFF, 2013).

Boff (2014) cita Heidegger quando se refere ao modo-de-ser essencial, pois – como visto – este último apresenta o cuidado como algo inerente ao ser humano e de essencial relevância (BOFF, 2013, 2014):

“Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um *modo-de-ser* essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.” (BOFF, 2014, p.38)

Em atenção ao pensamento fenomenológico de Heidegger (HEIDEGGER, 1988) e compreendendo o *modo-de-ser* essencial do cuidado, Boff afirma que este não deve ser falado ou pensado como “objeto” independente do humano, mas deve ser pensado e falado a partir do que é vivido e estruturado no plano da existência (BOFF, 2014; HEIDEGGER, 1988). Com efeito, resgatando a concepção de modo de *ser-no-mundo*, o pensador brasileiro afirma que não é somente uma localização geográfica no planeta, mas sim uma “forma de ex-istir e co-existir, (...) de relacionar-se com todas as coisas do mundo” (BOFF, 2014, p. 105). Desta forma, o modo de ser-no-mundo vai construir sua identidade, autoconsciência e seu próprio Ser, através da relação com o mundo. Desde esta perspectiva, existem dois modos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado (BOFF, 2014).

O modo-de-ser no mundo pelo *trabalho* consiste na interação e intervenção na natureza com objetivo de adaptar ao seu conforto e à necessidade, assim como as plantas e animais também o fazem. “Pelo trabalho constrói seu “habitat”, adapta o meio ao seu desejo e conforma seu desejo ao meio” (BOFF, 2014, p. 105). Primariamente o trabalho era mais baseado na interação do que na intervenção, pois havia uma grande valorização da natureza. Porém, com a invenção do instrumento – que após anos de evolução se tornou a tecnologia disponível hoje –, a intervenção começou a aumentar desproporcionalmente e, assim, os seres humanos tomaram uma postura de vontade de poder e dominação sobre a natureza. Segundo Boff (2014), essa intervenção profunda na natureza, através da razão instrumental-analítica, exige “objetividade”, impondo um distanciamento da realidade para fazer dela um objeto que possa ser estudado e, quiçá,

dominado. O autor ainda ressalta que os objetos são construídos pela razão para isolá-los de seu meio, para serem separados dos outros companheiros de existência e serem usados de acordo com o interesse (BOFF, 2014). “Os ditos objetos, na verdade, são sujeitos que tem história, acumulam e trocam informações e pertencem à comunidade cósmica e terrenal”. (BOFF, 2014, p. 107). Boff (2014) insere o termo “cibionte”, que significa um ser híbrido, que consiste em seres humanos, máquinas e redes de informações, ou seja, o que compõe nossas sociedades atuais. O modo-de-ser do trabalho tem uma posição antropocentrista, pois coloca o *H. sapiens* no centro de tudo, encarando as coisas com dominação e objetivando utilizá-las para o seu interesse. Desta forma, desconsidera a autonomia das coisas que o cerca e o fato de tudo ser interligado (BOFF, 2014), ou seja, não reconhece a interdependência de tudo o que compõe a realidade.

O modo-de-ser-cuidado não se opõe ao trabalho, mas apresenta um pensamento diferente, pois, é baseado em uma relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto. Neste pensamento, existe o respeito pelo que as coisas “falam” e, além disso, é dada importância ao valor da natureza. Não é uma relação de intervenção pura, e sim de interação e comunhão. Ao contrário da razão analítico-instrumental, no cuidado acontece a razão cordial; desta feita, a relação não é de domínio e sim de convivência. Esta forma de cuidado possibilita que o ser humano viva o valor real das coisas, não de uma perspectiva utilitarista, somente para o seu uso, mas a partir do reconhecimento do seu valor intrínseco. Tudo está interligado em um orgânico único. Ao contrário da agressividade, pressupõe-se a convivência amorosa (BOFF, 2014).

Após entender os dois modos-de-ser, a dificuldade reside no equilíbrio entre o trabalho e o cuidado, pois estes se complementam. Todavia, o que ocorre na atualidade é a sobreposição, pois, o modo-de-ser-trabalho está predominando em busca de produção, eficácia e domínio da Terra. O trabalho não tem mais o sentido de moldar a natureza e sim de dominá-la. Nestes termos, Boff (2014) se refere à “ditadura do modo-de-ser-trabalho” (BOFF, 2014). O autor afirma, igualmente, que esta forma de lidar com o Planeta pode levar ao pior, se houver algum limite à “voracidade produtivista”, demarcando-se a harmonia entre o modo-de-ser-trabalho e o modo-de-ser-cuidado. Tal contexto será possível se for estabelecido o necessário – e urgente – *resgate* do modo-de-ser-cuidado (BOFF, 2013, 2014). Tal *resgate* não deve ser feito através de máquinas e computadores, e sim através de algo que somente os seres

humanos possuem: o sentimento. Pois é através dele que se torna possível a emoção, o envolvimento, o afetar e o sentir-se afetado. O mundo deve ser construído por laços afetivos, que vão tornar as coisas valiosas e carentes de preocupação. O cuidado corresponde à essa perspectiva, retomando o genuíno ‘funcionamento’ do *H. sapiens*. Este sentimento, que é também atitude, torna o – e é inerente somente ao – ser humano, é o cuidado (BOFF, 2014):

“O cuidado se encontra antes, é um *a priori* ontológico, está na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. A origem tem um sentido filosófico de fonte de onde brota permanentemente o ser. Portanto, significa que o cuidado constitui, na existência humana, uma energia que jorra ininterruptamente em cada momento e circunstância. Cuidado é aquela força originante que continuamente faz surgir o ser humano” (BOFF, 2014, p. 117).

É necessário superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho pois ela tem destruído o planeta e a humanidade. A importância que deve ser dada ao cuidado, não significa que não deva haver intervenção e trabalho no mundo, mas deixar de ver as coisas como meros objetos que podem ser dominados (BOFF, 2014).

A partir do princípio do cuidado, Boff (2013) propõe uma ética do cuidado necessário, pois, tudo que implica em uma maneira de estar-no-mundo-com-os-outros gera uma ética. O cuidado proporciona a elaboração de um discurso ético universal, principalmente por ser inerente ao ser humano, ou seja, pertencer à sua essência concreta (*Dasein*). O autor sugere que tal perspectiva seja comparada à ética mais utilizada, contemporaneamente, que é a ética da justiça. (BOFF, 2013) “Cuidado e justiça se distinguem, possuem lógicas diferentes, mas não se opõem. Eles se compõem. Precisamos de ambos para dar conta da complexidade dos problemas atuais” (BOFF, 2013, p.114).

Para entender os referidos paradigmas éticos, é necessário apresentar as duas dimensões antropológicas do ser humano – o *anima*, que diz respeito ao feminino, e o *animus*, correspondente ao masculino – as quais são subjacentes ao ser da mulher e ao ser do homem, respectivamente. Cabe ressaltar que não se deve identificar *animus* como homem e *anima* como mulher, pois as duas dimensões estão presentes em ambos os sexos. A relação entre eles não é de complementaridade, cada dimensão é completa,

porém se relacionam com reciprocidade. Esta informação é importante devido críticas equivocadas argumentando que seria um posicionamento machista/feminista o qual remete uma desproporcionalidade de qualidade para cada sexo (BOFF, 2013).

A dimensão *animus*, que corresponde ao masculino, demonstra mais a utilização do objeto, razão, força, trabalho, vontade de poder, abertura de caminhos e pela superação de dificuldades para alcançar o objetivo. O feminino também utiliza essas características, porém em menor proporção e de forma diferente. Historicamente, as características masculinas foram tomando uma proporção desigual e desumana, enquanto a voz do feminino foi se marginalizando, se tornando cada vez mais silenciada, apesar de estar sempre presente e fazendo história (BOFF, 2013).

“Como se depreende, com a ética da justiça nos confrontamos com uma maneira de argumentar própria dos homens que usam a razão e a dialética para criar sua arquitetura, cujo ponto fulcral é a justiça. Esta forma não constitui uma falha, mas uma marca, a marca do masculino. Foi a dimensão do masculino nos homens que criou o Estado, as leis, o senso da justiça legal, as instituições de cunho patriarcal, os exércitos e, finalmente, a guerra” (BOFF, 2013, p. 125).

Boff (2013) cita vários autores que falam sobre teorias éticas de justiça, mas ressalva que nenhum deles fala sobre a dimensão do cuidado, devido ao silenciamento da mulher e a desconsideração de seus valores (BOFF, 2013).

A ética do cuidado é orientada pela dimensão do substrato feminino. Boff (2013, 2014) relaciona o feminino (*anima*), dimensão do cuidado, ao modo-de-ser-cuidado e o masculino (*animus*), dimensão da justiça, ao modo-de-ser-trabalho (BOFF, 2013, 2014). É o masculino do homem e da mulher que mais interviu agressivamente na natureza, que exacerbaram o *animus* e diminuíram o *anima*. Este fato contribuiu para o caminho ruim que o Planeta está trilhando; tal constatação torna necessário que o cuidado adquira espaço no trabalho para que a natureza não seja destruída. Quando existe uma maior sensibilidade, mais relações interpessoais, o cuidado, dimensão da *anima*, toma mais vigência. Pois, apesar dos homens também possuírem estas características, as mulheres as levaram para o mundo do trabalho. Não é através, apenas, de argumentos racionais que alguém consegue estabelecer as relações de cuidar e ser cuidado, e, sim, a partir dos sentimentos. O autor exemplifica o caso de uma mãe que não utiliza da razão

para cuidar de um filho, e sim do afeto, mesmo que ela não abdique da razão para isso (BOFF, 2013). Para formalizar a Ética do Cuidado, Boff (2013) afirma que:

“(...) há um dado de base que é a predisposição natural de cuidar e o desejo de ser cuidado. Esse é o dado ontológico prévio que perpassa toda a existência humana, enquanto humana. É o caráter de universalidade dessa ética. É o “bem” buscado pela ética, se quisermos falar na linguagem da ética da justiça. Ela se realiza em todo ser humano, mas ganha proeminência na mulher, a portadora privilegiada do cuidado” (BOFF, 2013, p.132).

O cuidado e a justiça constituem uma ética universal, por isso, nenhuma dessas dimensões pode ser dispensada, contraposta uma a outra. Esta ética deve resgatar a relação respeitosa com o mundo, carregado de sentimento e afetividade. É preciso revelar que a essência do ser humano – a qual nasceu do cuidado – é a tendência de cuidar e o desejo de ser cuidado (BOFF, 2013).

O ALCANCE DA ÉTICA DO CUIDADO DE BOFF

Após a apresentação dos aspectos gerais da Ética do Cuidado, serão demonstradas – neste tópico – as possibilidades de aplicação desta corrente teórica, contemplando (i) suas instâncias, (ii) exemplos de personalidades reconhecidos por Boff como *peças de cuidado* e (iii) estudos que a utilizaram para a abordagem de problemas éticos.

Boff (2014) apresenta algumas instâncias nas quais o cuidado se concretiza. São elas: (1) o amparo ao Planeta, pois este é um sistema de equilíbrio complexo estabelecido ao longo de milhões de anos. Para manter o cuidado com a Terra, é necessário passar por uma “alfabetização ecológica” (SIQUEIRA-BATISTA; RÔÇAS, 2009) e repensar nossos consumos; (2) cuidado com o próprio nicho ecológico, manifesto pela *deferência local* em relação ao Planeta, o qual deve ser visto como uma extensão do próprio corpo, expressão de uma “harmonia dinâmica” da natureza onde *todos os seres* se complementam; (3) cuidado com a sociedade sustentável, que significa consumir os recursos mantendo a preservação da natureza; a mudança desse tipo de desenvolvimento está no ser humano e não nos produtos ou empresas; (4) cuidado com o outro, *animus* e *anima*, pois não existe somente a relação entre os seres, existem as

peças concretas; de fato, cuidar do outro significa manter o diálogo eu-tu de forma respeitosa e amorosa; (5) cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos, pois, segundo Boff (2014), “nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes” (BOFF, 2014, p.164); (6) o cuidado com nosso corpo na saúde e na doença, compreendendo que o corpo é somente uma parte do ser humano e que consiste em um ecossistema vivo; (7) cuidado com a cura integral do ser humano, a partir do reconhecimento da sua totalidade – e não somente a parte enferma –, buscando equilíbrio entre corpo, mente e espírito; (8) cuidado com nossa alma, os anjos e os demônios interiores, que consistem nas forças interiores que animam e destroem nossa centralidade; (9) cuidado com nosso espírito, os grandes sonhos e Deus, já que o ser humano é falante e interrogante, e, por isso, espiritual; e (10) cuidado com a grande travessia, a morte, que é apresentado como destino final da curva do homem-corpo, que nasce, cresce madura, envelhece e morre. Ao contrário da curva do homem-alma-espírito, que nasce, desabrocha, realiza virtualidades, continua nascendo, nasce mais e mais até acabar de nascer (BOFF, 2014).

Existem alguns exemplos dados por Boff (2014) de pessoas que modelaram situações reais do modo-de-ser cuidado. O autor exemplifica com o cuidado das mães e das avós; Jesus, Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Irmão Antônio, Mahatma Gandhi, Feng-shui (cuidado com o ambiente), Olenka e Tânia (BOFF, 2014). Ademais, alguns autores utilizaram a Ética do Cuidado proposta por Leonardo Boff como referencial teórico para seus estudos, principalmente em temas relacionados a trabalhadores da saúde, com destaque para a enfermagem. Seguem alguns exemplos.

Costacurta e Pulino (2017) abordam a problemática da desigualdade social, com ênfase na necessidade de implementação de políticas sob a luz da ética do cuidado. As políticas públicas não podem ser reduzidas somente à pobreza e à desigualdade, mas, também, devem abranger o cuidado material, psicológico, físico, ecológico e espiritual, o que se torna possível no próprio processo de desenvolvimento ético e filosófico. A Ética do Cuidado é a única alternativa factível nesse âmbito, devido à ampliação de uma postura de não conformismo e de ultrapassagem dos sistemas que favoreçam o acúmulo individual, abrindo lugar para a solidariedade coletiva (COSTACURTA; PULINO, 2017).

Trevizan *et al.* (2003) apresentam um estudo sobre a atuação da enfermeira gerente, com a proposição de uma nova conduta baseada no modo-de-ser-cuidado de

Leonardo Boff. Os autores observaram que esta profissão é responsável pela gestão e burocracia dos serviços pelos quais são responsáveis, sobrando-lhes pouco espaço para o cuidado aos pacientes. Como exposto anteriormente, o modo-de-ser-cuidado e o modo-de-ser-trabalho são importantes para as relações com o mundo. Porém, neste caso, o modo-de-ser-trabalho está se sobressaindo em uma profissão que requer solicitude, afeto e generosidade. Deste modo, torna-se necessário que a enfermagem abra espaço para sua atuação com a essência do que mais vale de sua profissão, sem abandonar o modo-de-ser-trabalho, mas retomando o lugar do modo-de-ser-cuidado (BOFF, 2013, 2014; TREVIZAN et al., 2003).

Nessa mesma lógica, Silva *et al.* (2005) relacionam – igualmente – a perspectiva de cuidado de Boff com as atividades da enfermagem, destacando a importância do cuidar de si e do outro. Em um mundo onde o cuidado não tem prevalecido – haja vista a desigualdade social, desamparo do planeta e dos desfavorecidos –, a enfermagem pode contribuir para a mudança do panorama atual a partir de uma atuação afetuosa e amorosa, centrada no cuidado como essência. Os autores concluíram que existe a necessidade de ter a Ética do Cuidado – referida no estudo – como norteadora da enfermagem, com objetivo de valorizar o modo-de-ser-cuidado e redescobrir novas perspectivas (SILVA et al., 2005).

Carvalho *et al.* (2013) relatam a necessidade de a enfermagem abordar, com maior frequência, a Ética do Cuidado de Leonardo Boff. Os autores também ressaltam a capacidade de cuidar atribuído à enfermagem e relacionam este cuidado não somente à saúde física, mas a *biopsicossocioespiritual*. Compreendem, igualmente, que existe a experiência do cuidar e do ser cuidado e de quem ensina e aprende sobre o cuidado. Os enfermeiros, assim como todos os seres humanos, necessitam ter os sentimentos de amor, ternura, carinho, cordialidade e compaixão para impedir o descuido consigo e com os outros (CARVALHO et al., 2013).

Para finalizar este tópico, cabe comentar sobre as reflexões de Boff acerca dos profissionais da saúde, à luz da Ética do Cuidado. O autor afirma a importância do cuidado exercido pelos profissionais da saúde para com seus pacientes, classificando como uma atividade política e ecológica, de amparo e proteção das vidas humanas e de toda a comunidade. Também ressalta a importância do cuidado de quem cuida, pois existem situações em que os profissionais da saúde trabalham sob estresse, e o quanto este olhar cuidadoso pode reanima-los para exercer seu trabalho/missão (BOFF, 2006).

CUIDADO E COMPAIXÃO

Após a compreensão da ética do cuidado e de sua aplicabilidade, é importante apontar que existem outras concepções filosóficas que podem ser articuladas ao pensamento de Leonardo Boff. Neste tópico será apresentado as conversações entre o princípio do cuidado e o princípio de compaixão.

Como apresentado anteriormente, o cuidado “representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento com o outro” (BOFF, 2014, p. 37). Esta é a relação que deve existir com o planeta, pois o *H. sapiens* faz parte de um todo, segundo Boff (2014), de uma comunidade biótica e cósmica, a qual precisa ser tratada com deferência e respeito (BOFF, 2014). O modo-de-ser-no-mundo configura a relação que se estabelece com o que envolve os humanos, ou seja, se é uma relação de inter-ação ou intervenção. A intervenção é uma das relações que o ser, humano ou não humano, pode ter com o mundo, porém em equilíbrio com a relação de inter-ação, já que a segunda “ouve” e respeita o valor da natureza. O modo-de-ser-cuidado corresponde a comunhão, inter-ação, ou seja, a uma relação sujeito-sujeito. Neste modo-de-ser, a inter-ação é simétrica, todos são semelhantes e se relacionam igualmente (BOFF, 2014).

Existem dois terços da humanidade que representam o grande desafio ético e político: os pobres, os oprimidos e os excluídos. Um ser excluído – por exemplo, uma pessoa em situação de rua (FARIA; SIQUEIRA-BATISTA, 2020) – não está sequer na margem da sociedade, está completamente fora do sistema social. Isso se deve à forma de organização do sistema social, uma produção dos próprios humanos, os quais – muitas vezes – não agem intencionalmente, mas por aceitar, de forma passiva, um sistema que favorece o acúmulo de bens, de serviços e de vantagens individuais, o que desfavorece os direitos básicos de uma substantiva parcela da população (BOFF, 2009). Nesse sentido, em concordância com Boff (2009), a *com-paixão* é a primeira reação frente a esta assimetria, que significa a “atitude de sofrer com o padecimento do outro e de participar de suas lutas de libertação” (BOFF, 2009, p. 96-97). O autor cita a máxima “liberta o pobre, o oprimido e o excluído”, a qual considera universal, por se aplicar à maioria da humanidade. Trata-se de uma máxima que representa compaixão, solidariedade e um grande “peso crítico”, por questionar todos os sistemas sociais que provocam seres pobres e excluídos (BOFF, 2009). Entre as virtudes, a compaixão é

aquela que pode ser caracterizada como a mais humana, pois permite se colocar no lugar do outro, sentir suas dores, independente da ideologia, religião ou status social e cultural (BOFF, 2011).

A centralidade da compaixão para a reflexão ética pode ser buscada nas concepções de Arthur Schopenhauer – na medida em que esta é a “verdadeira motivação que está no fundamento de todas as ações dotadas de valor moral genuíno” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 132) – e, mais contemporaneamente, na proposta da *(Bio)ética para todos os seres*, a qual reconhece a *quididade* de todos os seres – vivos e não vivos –, organizados em termos de *totalidade* e relacionados em termos da *interdependência* (SIQUEIRA-BATISTA, 2020). Com efeito, compreende-se que todos os seres são dotados do mesmo valor, o que permite a proposição da *compaixão laica*, a qual consiste no “amparo que se estabelece entre os seres, consistindo em uma acolhida à igualdade constitutiva de suas condições, sem julgamento” (SIQUEIRA-BATISTA, 2010, p. 17). Cabe ressaltar a importância do não-julgamento para o pleno exercício da *compaixão laica*, pois se deve receber todo e qualquer ser, sem preconceitos, com responsabilidade e devoção. É equivocado entender a compaixão como um sentimento de piedade, pois está implícita nesta última a superioridade de um em relação ao outro, o que não condiz – sob nenhuma hipótese – com a primeira (SIQUEIRA-BATISTA, 2009).

As convergências entre a Ética do Cuidado e a *(Bio)ética para todos os seres* podem ser explicitadas de distintos modos. As duas concepções acenam para uma certa noção de *totalidade*, abrangendo seres vivos e não vivos, os quais se relacionam de modo sistêmico, pois, todos os seres do mundo se articulam em termos da interdependência (BOFF, 2013, 2014; SIQUEIRA-BATISTA, 2009). Esta relação deve ser respeitosa, compassiva. Ademais, nas referidas *correntes éticas*, o outro deve ser encarado como um semelhante, nem superior e nem inferior, permitindo a construção de uma relação amorosa, em que cada um tem seu valor único, inscrito no *vir-a-ser e no deixar-de-ser* (SIQUEIRA-BATISTA, 2020) e expresso em sua própria história (Boff, 2013, 2014). Também assume que o ser humano faz parte da natureza e depende dela; por isso, precisa entender que ao agredi-la, agride sua própria vida (BOFF, 2014). Desta forma, compreende-se que ambos os modelos defendem que a relação com o outro deve ser igualitária, sem assimetrias, respeitosa e amorosa. Não cabe, pois, uma intervenção agressiva em direção à natureza, o que tem interferido – negativamente – na vida dos

seres humanos, já que estes são constituintes da natureza, tomando parte – ainda que não reconheçam isso – de uma única totalidade (BOFF, 2013, 2014; SIQUEIRA-BATISTA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ética do Cuidado de Leonardo Boff, amparada por conceitos heideggerianos, propõe uma nova posição do modo-de-ser-no-mundo, com reconhecimento da necessidade de uma relação igualitária entre os seres humanos e o mundo que os envolve. O modo-de-ser-cuidado se refere a uma interação respeitosa com a natureza, respeitando os princípios do cuidado e da solidariedade. Apesar do modo-de-ser-trabalho – que representa a intervenção no mundo para sobrevivência e conforto – ser necessário, este não pode crescer desproporcionalmente em comparação ao anterior. Posto isso, existe a necessidade do resgate do modo-de-ser-cuidado, o que torna necessária e urgente a mudança de paradigma civilizacional, para que se estabeleça o genuíno cuidado com o planeta, única alternativa para evitar o desastre.

Alguns estudos utilizam a ética do cuidado como referencial teórico com o objetivo de demonstrar a importância do cuidado nas relações. Enfatizou-se, no presente ensaio, o papel dos profissionais da saúde – principalmente de enfermagem –, devido sua posição de cuidar e necessidade de ser cuidado. A *(Bio)ética para todos os seres* apresenta princípios convergentes com a Ética do Cuidado, sendo possíveis “conversações” dos modelos acerca de diversos problemas atuais, principalmente aqueles advindos do avanço tecnológico – conduzido de modo irresponsável – e da intervenção agressiva na natureza.

A partir deste estudo, foi possível observar a necessidade de basear as escolhas diante do mundo e suas relações sob um olhar (bio)ético que valorize *todos os seres*, com o objetivo de diminuir as assimetrias existentes. Com efeito, é preciso *dizer não* a toda forma de visão do outro com um objeto, ou seja, como algo que está à disposição para ser usado. Tal é a chave para a criação de um mundo sustentável, que possibilite uma vida com dignidade para as futuras gerações e que se pautem no verdadeiro cuidado e na genuína compaixão.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, R. DA S. *O cuidado na primeira seção do Ser e Tempo*. v. Universida, 2008.
- BOFF, L. *O Cuidar e o ser cuidado na prática dos operadores de saúde*. p. 31002019, 2006.
- BOFF, L. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os seres humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BOFF, L. *Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOFF, L. *Compaixão: a mais humana das virtudes*. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2011/03/20/compaixao-a-mais-humana-das-virtudes/>>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- BOFF, L. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. 2. ed. Petropolis: Vozes, 2013.
- BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CARRILHO, M. R. O cuidado como ser e o cuidado como agir. In: *Ex æquo*, v. 21, p. 107–114, 2010.
- CARVALHO, E. E. DE et al. O saber cuidar do ser humano: uma abordagem para o cuidado de enfermagem na perspectiva de Leonardo Boff. in: *Rev enferm UFPE online*, v. 7, p. 990–994, 2013.
- CASTRO, J. C. DE; CASTRO, M. C. DE. A virtude não se ensina, se evoca: uma reflexão sobre arete e paideia em Martin Heidegger. IN: *Griot Revista de Filosofia*, v. 20, n. 1, p. 252–263, 2020.
- COSTA, G. M. DA. O cuidado na filosofia de Martin Heidegger. 1889.
- COSTACURTA, J. R.; PULINO, L. H. C. Z. Por uma Ética do Cuidado nas políticas públicas voltadas à superação da desigualdade social. IN: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 20, n. 1, p. 55–64, 2017.
- FARIA, F. G.; SIQUEIRA-BATISTA, R. (Bio)ética e população em situação de rua: entre Agamben e Derrida. IN: *Revista Bioética*, v. 28, n. 4, p. 628–636, 2020.
- FERNANDES, M. A. O cuidado como amor em Heidegger. IN: *PHENOMENOLOGICAL STUDIES - Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 17, n. 2, p.

158–171, 2011.

HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo (Parte I)*. Petrópolis: [s.n.].

LOVELOCK, J. *As eras de Gaia: a biografia da nossa Terra viva*. São Paulo: Campus, 1991.

OLIVEIRA, M. DE F. V. DE; CARRARO, T. E. *Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem*. IN: *REBEn*, v. 64, n. 2, p. 376–80, 2011.

OLIVEIRA, I. L. V. A. DA C.; SIQUEIRA-BATISTA, R. Estratégia Saúde da Família e o imperativo da vida saudável: capturas biopolíticas e sociedades de controle – ou sobre a crítica de Foucault e Deleuze. IN: *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, v. 11, n. 2, p. 89–104, 2018.

REGO, S.; PALÁCIOS, M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. *Bioética para profissionais da saúde*. 1, 2 reimp. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2020.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Trad. Mari ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHRAMM, F. R. Saúde pública: biotecnociência, biopolítica e bioética Saúde em Debate. IN: *ENSAIO, Saúde debate 43 (spe7)*, 2019.

SILVA, L. W. S. DA et al. O cuidado na perspectiva de Leonardo Boff, uma personalidade a ser (re)descoberta na enfermagem. IN: *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 58, n. 4, p. 471–475, 2005.

SIQUEIRA-BATISTA, R. A boa morte à luz da ética para todos os seres: o lugar da compaixão laica. IN: *Vida, morte e dignidade humana*. Rio de Janeiro: GZ, 2009. v. 1p. 341–362.

SIQUEIRA-BATISTA, R. (Bio)ética para todos os seres: proêmio. In: CASTRO, J. C.; NIEMEYER-GUIMARÃES, M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. IN: *Caminhos da Bioética*. Volume III, 1 ed. Teresópolis: Editora Unifeso, 2020. p. 257–276.

SIQUEIRA-BATISTA, R.; RÔÇAS, G. Alfabetização ecológica. IN: *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, p. 123–125, 2009.

TREVIZAN, M. A. et al. Al encuentro de la competencia del cuidado según Boff: una nueva perspectiva de conducta ética de la enfermera gerente. IN: *Revista latino-americana de enfermagem*, v. 11, n. 5, p. 652–657, 2003.